

Seleção Brasileira desconvoca Raphinha e Wesley por lesões

Derrota para a França escancarou a carência de lideranças no elenco brasileiro

Rafael Ribeiro / CBF

Titulares na derrota por 2 a 1 para a França no Gillette Stadium, em Boston, o atacante Raphinha e o lateral-direito Wesley tiveram lesões musculares constatadas em exames de imagem e não estarão à disposição no duelo contra a Croácia, nesta terça (31).

“Ambos sentiram dores na região posterior da coxa direita durante a partida contra a França. Nesta sexta, os atletas realizaram exames de imagem que confirmaram lesões musculares”, informou a CBF em nota.

“Os jogadores estão liberados para seguirem o tratamento. Não serão chamados outros atletas para substituí-los”, acrescentou a entidade.

Raphinha sentiu um incômodo na coxa direita no fim do primeiro tempo, dando lugar no intervalo a Luiz Henrique, novamente destaque positivo no ataque brasileiro. Wesley sentiu o mesmo local e deixou o campo no meio do segundo tempo, substituído por Ibañez.

O grupo convocado para a atual data FIFA já havia sofrido com as baixas no setor defensivo de Alisson, Gabriel Magalhães e Alex Sandro, também por lesão.

Falta de protagonistas

Quando o atacante Hugo Ekitiké fez o segundo gol da seleção francesa no duelo contra o Brasil no Gillette Stadium, em Boston, parte da torcida nas arquibancadas passou a gritar pelo atacante Neymar, persistentemente ausente das listas de Carlo Ancelotti.

Aos 34 anos, longe de seu auge físico e com dificuldades para ajudar o Santos neste início de temporada, Neymar segue como esperança de parte da torcida brasileira após mais de dois anos desde sua última aparição com a camisa amarela, em



Derrota da Seleção Brasileira no amistoso contra a França ficou marcada por lesões

meio à falta de um nome que tenha conseguido assumir o papel de protagonista em seu lugar.

No confronto contra os franceses nos Estados Unidos, com uma série de desfalques na zaga e no meio de campo, a expectativa era que o poderio ofensivo brasileiro, liderado por Vinicius Junior e Raphinha, pudesse fazer a diferença.

Apesar de viverem grande fase no Real Madrid e no Barcelona, com a Seleção Brasileira, a dupla de ataque — que deve estar entre os 11 titulares nos jogos da Copa do Mundo — não tem conseguido repetir o mesmo desempenho há um bom tempo, com a nova atuação apagada contra a França atraindo críticas de torcedores e jornalistas.

Mesmo com a derrota, o treinador Carlo Ancelotti elogiou seus atacantes depois da partida. “Raphi-

nha jogou muito bem. Depois teve um problema e tivemos de trocá-lo, mas teve muitas oportunidades, com um movimento muito bom sem bola”, afirmou o italiano sobre o atacante do Barcelona.

“O Vini é sempre perigoso. Pode ser que não tenha marcado, mas um atacante sempre pode fazer gols”, emendou o técnico, que não quis falar a respeito das cobranças vindas das arquibancadas por Neymar.

“Creio que agora temos de falar dos que estão aqui, que jogaram, deram tudo, mostraram a cara. Estou satisfeito e vamos nos preparar para o próximo jogo contra a Croácia.”

Na temporada 2025/26, Vinicius Junior é um dos principais nomes do Real, vice-líder do Espanhol e classificado às quartas de final da Champions League, contra o Bayern de Munique.

Ele entrou em campo em 43 partidas pelo clube madrileno, com 17 gols marcados — média de 0,4 por partida — além de mais 9 assistências. Com o Brasil, esteve presente em nove partidas entre 2025 e 2026, com três gols — média de 0,3 — e uma assistência.

No Barcelona, líder do Espanhol e com duelo marcado contra o Atlético de Madrid pela Champions, Raphinha tem 31 jogos na temporada, com 19 gols — média de 0,6 — e sete assistências. Pela Seleção, foram seis apresentações desde o ano passado, com um gol.

No único torneio disputado no atual ciclo para o Mundial, a dupla também teve atuação discreta durante a Copa América, com eliminação nas quartas de final para o Uruguai.

Raphinha fez quatro jogos e marcou no empate com a Colômbia

durante o torneio, enquanto Vini Jr. fez três partidas e dois gols, ambos na goleada por 4 a 1 sobre o Paraguai, em dois jogos da fase de grupos.

Na Copa de 2022, ainda com Neymar em campo, os dois então estreantes em Mundiais também já não haviam alcançado grandes atuações. Vini Jr. fez quatro jogos e marcou na goleada por 4 a 1 sobre a Coreia do Sul. Raphinha disputou as cinco partidas da campanha brasileira, sem gols.

Antes do duelo em Boston, Vinicius Junior já havia abordado sobre a pressão e o desafio de tentar repetir seu bom desempenho com o clube espanhol também junto da Seleção Brasileira.

“Sempre tento estar na minha melhor fase, fazendo gols e dando assistências, porque assim fico mais tranquilo, mais feliz, e eu estando mais feliz, todo mundo do meu lado também está mais feliz e confiante. E espero que tudo que faço pelo Real Madrid eu possa vir a fazer aqui na Seleção Brasileira, que é o meu maior objetivo, onde eu sempre sonhei estar”, afirmou o atacante.

“Quero dar muito orgulho para o nosso país e muita alegria para toda nossa nação.”

A Seleção Brasileira volta a campo na próxima terça-feira (31), em duelo contra a Croácia, às 21h (horário de Brasília), no Camping World Stadium, em Orlando, na Flórida.

A reedição do duelo pelas quartas de final da Copa de 2022, quando a Seleção de Tite foi eliminada nos pênaltis, é a última partida antes da lista final de convocados para o Mundial, que deve ser divulgada no dia 18 de maio.

Por Lucas Bombana (Folhapress)

Tiffany chama proibição do COI a atletas trans de ‘retrocesso’

Principal expoente da causa trans no esporte brasileiro de alto rendimento nos últimos anos, a jogadora de vôlei Tiffany Abreu afirmou que a determinação do COI (Comitê Olímpico Internacional) de impôr testes genéticos para liberar a participação de atletas na categoria feminina representa um retrocesso na luta de todas as mulheres.

Tendo convivido com uma série de questionamentos sobre sua presença em quadra ao longo da carreira, a jogadora do Osasco afirmou ter recebido com um sentimento de tristeza a resolução do Comitê Olímpico.

“Muita gente tenta reduzir esse debate a um ataque exclusivo às pessoas trans, mas não é só sobre isso. É

sobre mulheres. Sobre todas as mulheres”, disse a atleta por meio de nota.

Na quinta-feira (26), o COI anunciou que apenas atletas biologicamente do sexo feminino, cujo gênero será determinado por um teste genético único de triagem, serão elegíveis para participar de competições na categoria feminina nos Jogos Olímpicos.

Segundo a entidade, a política visa “proteger a categoria feminina”, como parte de sua iniciativa para estabelecer uma regra universal para competidores no esporte feminino de elite.

Sob críticas de grupos LGBTQIA+ e de direitos humanos, entidades esportivas, federações internacionais e governos vêm promovendo um endurecimento das

regras sobre a participação de mulheres transgênero em competições e eventos esportivos ao longo dos últimos meses.

A alegação é a de que as ações visam preservar a justiça na categoria feminina e estariam embasadas em supostas vantagens competitivas em relação às atletas cis, devido a exposição a testosterona quando ainda se identificavam com o gênero masculino. Pesquisadores ressaltam, porém, que os dados disponíveis não são suficientes para confirmar suposta vantagem.

Para além do debate sobre atributos físicos, Tiffany também citou na nota o caso da deputada Erika Hilton, que teve questionada sua eleição à presidência da Comissão

Direitos da Mulher da Câmara dos Deputados, pelo fato de ser uma mulher trans.

A deputada “teve sua identidade questionada ao ponto de tentarem retirá-la de um espaço que é, justamente, de representação das mulheres. Se antes o argumento era ‘vantagem’ ou ‘força’, nesse caso foi o quê?”, questionou Tiffany.

“Isso mostra que nunca foi só sobre desempenho. É sobre quem é reconhecida como mulher”, acrescentou a ponteira, que chegou a ter a participação vetada por vereadores de Londrina em um torneio na cidade no fim de fevereiro.

Segundo a atleta, as novas regras do COI podem prejudicar muitas mulheres, “inclusive cis, por critérios

cada vez mais questionáveis. E isso precisa ser discutido com responsabilidade, não com exclusão.”

“Existe um discurso de que tudo isso é para ‘proteger o esporte feminino’, mas na prática a gente vê outra coisa. Quando o assunto envolve pessoas trans, sempre surge uma tentativa de tirar, excluir, questionar sua presença, independentemente do contexto”, afirmou Tiffany.

“Direitos não podem andar para trás. O mundo não pode regredir. Ou a gente se posiciona agora, ou aceita ver conquistas sendo desmontadas pouco a pouco por uma extrema direita que insiste em excluir, dividir, destruir”, acrescentou ela.

Por Lucas Bombana e Bruno Lucca (Folhapress)